

O local da cultura e do aculturamento, do poder configurado de culturização e da identidade humana: educação como meio de superação da colonialidade¹

The place of culture and acculturation, the configured power of culturization and human identity: education as a means of overcoming coloniality

El lugar de la cultura y la aculturación, el poder configurado de a cultura y la identidad humana: educación como un medio para superar la colonialidad

Irami Gonçalves Fernandes Martins²

Marcos Antônio Bessa-Oliveira³

Resumo

O artigo tem como objetivo a reflexão sobre o indivíduo enquanto sujeito duo, no qual se manifestam os modelos de comportamentos e de usos de determinados modelos padrões socialmente postos, repensando seu papel no mundo impregnado de (des)culturas. Pretende-se situar o espaço da cultura como sendo um espaço físico, mas também subjetivo, no qual as inter-relações marcam o estado de consciência dos sujeitos e determinam suas escolhas. A metodologia usada é a da pesquisa bibliográfica. A abordagem é a teórica crítico-cultural descolonial. Tal reflexão deverá ir além das esferas das fronteiras físicas e geopolíticas, remetendo ao sujeito-corpo-espírito, a capacidade de se enriquecer de experiências. Portanto, o foco é a Educação como ideia de implementação do conhecimento do sujeito-cósmico-universal, integrado no espaço físico sócio-histórico-cultural, a quem se deve educar descolonizadamente em todos os campos da vida, imprimindo-lhe os verdadeiros conceitos de pertencimento e liberdade.

Palavras-chaves: Locais de Culturas; Educação Libertadora; (Des)colonização; Corpo-espírito.

Resumen

El artículo pretende reflexionar sobre el individuo como sujeto, en el que se manifiestan los modelos de comportamiento y usos de ciertos modelos estándar colocados socialmente, replanteándose su papel en el mundo impregnado de (des) culturas. Se pretende ubicar el espacio cultural como un espacio físico, pero también subjetivo, en el que las interrelaciones marcan el estado de conciencia de los sujetos y determinan sus elecciones. La metodología utilizada es la de investigación bibliográfica. El enfoque es la teoría crítico-cultural descolonial.

¹ Artigo apresentado no Latinidades – Fórum Latino-Americano de Estudos Fronteiriços, na modalidade online, 2020.

² Mestranda em Educação Profissional pela Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul - UEMS.

³ Professor Efetivo da UEMS - Unidade Campo Grande - no Curso de Graduação em Artes Cênicas - da cadeira de Artes Visuais e Professor Permanente do PROFEDUC - Programa de Mestrado Profissional em Educação. marcosbessa2001@gmail.com.

Tal reflexión debe ir más allá de los límites físicos y geopolíticos, refiriéndose al sujeto-espíritu, la capacidad de enriquecer experiencias. Por tanto, el enfoque es la educación como idea de implementación del conocimiento del sujeto universal-cósmico, integrado en el espacio físico socio-histórico-cultural, al que hay que educar descolonizado en todos los campos de la vida, imprimiéndole los verdaderos conceptos de pertenencia y libertad.

Palabras clave: Lugares de Culturas; Educación liberadora; (Des)colonización; Sujeto-espíritu.

Abstract

The article aims to reflect on the individual as a subject, in which the models of behavior and uses of certain socially placed standard models are manifested, rethinking their role in the world impregnated with (de) cultures. It is intended to place the cultural space as a physical space, but also subjective, in which the interrelationships mark the subjects' state of consciousness and determine their choices. The methodology used is that of bibliographic research. The approach is the decolonial critical-cultural theory. Such reflection should go beyond the spheres of physical and geopolitical borders, referring to the subject-spirit, the capacity to enrich experiences. Therefore, the focus is education as an idea of implementing the knowledge of the cosmic-universal subject, integrated in the socio-historical-cultural physical space, to whom one should educate decolonizedly in all fields of life, printing him the true concepts of belonging and freedom.

Key words: Places of Cultures; Liberating Education; Decolonization; Subject-spirit.

1. Introdução

O presente artigo tem como objetivo refletir o indivíduo enquanto sujeito carregado de signos e significados, no qual se manifestam comportamentos e replicações de determinados modelos socialmente postos. Ao mesmo tempo, o trabalho visa repensar esse sujeito, o seu papel num mundo impregnado de (des)culturas às quais é de extrema importância (re)conhecer, entre esses modelos, os que são meras reproduções culturais, operadas pela população de povos economicamente desprestigiados, por outros povos tradicional e reconhecidamente privilegiados.

Esse é o modo operante dos que mantêm seus domínios sobre grande parcela da população, usando de variadas ferramentas de reprodução de conceitos e costumes, padrões de comportamentos disseminados também por meio das línguas impostas e massificados como modelos perfeitos. O que explica todas as dissensões e separatismos que existem ao redor do mundo, em especial no Brasil, nos campos: raciais, sociais, político, de gênero, de classes, religioso e nas academias.

É de senso comum que onde há ciência, filosofia, religião e política há homens. E os homens são culturalmente preparados por força da Educação formal, para dar conta de um sistema inócuo, porém, operador e resistente. Tem sido assim desde o Brasil Colônia, conforme se evidencia na obra de Gregório de Matos.

Como poeta de inesgotável fonte satírica não poupava ao governo, à falsa nobreza da terra e nem mesmo ao clero. Não lhe escaparam os padres corruptos, os reinóis e degredados, os mulatos e emboabas, os “caramurus”, os arrivistas e novos-ricos, toda uma burguesia improvisada e inautêntica, exploradora da colônia. Perigoso e mordaz, apelidaram-no de “O Boca do Inferno” (GOMES, 1985, p. 01).

O autor viveu numa época de efervescência social, sendo um dos primeiros nomes da Literatura Brasileira a falar sobre descolonização. Se não o fez usando a linguagem como a contemporânea, fez usando da sua escrita para criticar aos meios colonizantes que se infiltravam no cotidiano dos brasileiros. Sua crítica era tão opositiva ao sistema, que Gregório de Matos foi considerado inimigo da Nação, alcunhado e eternizado como o “Boca do Inferno”.

2. Fronteiras da cultura

Todo postulado científico e filosófico é válido no que diz respeito à sociedade brasileira e seus cidadãos. Por isso mesmo, não se pode desconsiderar o papel dos indivíduos como sujeitos carregados de manifestações socioculturais, pois o resultado de suas crenças e valores permeiam essas manifestações, e estas ancoram suas escolhas políticas. Assim, imagicamente, é muito difícil divisar as fronteiras entre cultura e acultramento no que se refere à colonização.

Por isso, não se pode dizer que a cultura de um povo é única (original), dadas as interações entre povos de línguas distintas no mundo. No entanto, há que se admitir que essas interações - principalmente tecnológicas - têm ampliado consideravelmente a miscigenação entre os povos, e como consequência, a mesclagem de culturas, se é que se pode usar o termo, para considerar a mistura cada vez maior de costumes em função da (con)vivência globalizada.

No Brasil, onde se têm imigrantes de quase todos os países do mundo, a influência de outros povos é imensa no que se convencionou chamar cultura. Há anterior a isso, na formação da sociedade brasileira, a miscigenação composta por europeus, indígenas e africanos. E para, além disso, como país fronteiriço, especialmente na região centro-oeste, mais notadamente o Estado do Mato Grosso do Sul, forte carga cultural paraguaia e boliviana é contemplada na cultura sul-mato-grossense.

O local da cultura, portanto, pode ser geograficamente definido como o local onde acontece a vida das pessoas, espaço de convivência e ações políticas, artísticas econômicas.

Pode ser um espaço subjetivo no qual cada um tem sua identidade, independente do espaço físico onde vive, labora, diverte-se, mantendo relação de estreita convivência com as demais pessoas.

É preciso salientar, no entanto, que a questão é uma vertente de pensamento muito particular, levando em conta a minha formação brasileira – descendente de uruguaios, paraguaios; criada entre japoneses, europeus e indígenas, exposta a muitas leituras, conseqüentemente, natural comparar correntes filosóficas, sociológicas, históricas, epistemológicas. E, principalmente, analisar a natureza das coisas, do mundo, das pessoas.

A formação sociocultural epistêmica e libertadora, aponta para uma visão descolonizada, resistente e subversiva, que atende à desconstrução das práticas oriundas de um sistema materialista-capitalista. A Educação, portanto, como a temos praticado, não é meio de construção de conhecimento (mas de reprodução do mesmo) e de mudança. O que leva a pensar que os meios capitalista-materialistas não são eficientes para conduzir a humanidade a um lugar qualquer que não seja o de espaço de colonização-alienante e perverso. Refletindo nesse conceito de organização política e educacional – retrógrada - compreende-se o caos mostrados diariamente pelos jornais televisivos nos quais homens autodeclarados “de bem”, imantam a alma do povo brasileiro de mentiras e de impropérios de toda ordem. Assim, é natural que caminhemos a passos largos para o "precipício", por falta de boa formação moral, de uma educação eficiente no âmbito da formação humana.

2.1. O centro do debate é o homem

Há uma preocupação enorme em se conceituar e organizar a vida, enquanto coletividade, de forma a atender as necessidades do mundo físico, materializado, e pode ser que isso funcione bem para o Estado e para as conglomerações econômicas, entretanto, essa é a filosofia que está ruindo sob os “pés” do globo terrestre. A organização social como tem sido não deu certo, pois as diferenças sociais estão cada vez mais aparentes, e isso significa que os padrões usados até aqui são obsoletos. O que leva a uma outra discussão sobre o papel do indivíduo na escala humana e o lugar da sua cultura, pensando esse homem como a centralidade desse espaço, com experiências culturais sejam elas colonizadoras ou não.

Para que se opere a evolução do meio é preciso que primeiramente se efetue a evolução do indivíduo. É o homem que faz a Humanidade, por sua ação constante, transforma a sua morada. Há equilíbrio absoluto e relação íntima entre o moral e o físico. O pensamento e a vontade são as ferramentas por excelência, com a qual tudo

podemos transformar a nós e a roda de nós. Tenhamos somente pensamentos elevados e puros; aspiremos a tudo o que é grande, nobre e belo. Pouco a pouco sentiremos regenerar-se o nosso próprio ser, do mesmo modo, todas as camadas sociais, o GLOBO e a humanidade (DENIS, 2000, p. 99).

Considerando que o homem é, também, o resultado das interações do meio, muito bom efeito surtirá uma educação ancorada no diálogo, na expansão da inteligência e do livre arbítrio.

Portanto, é natural que, imbuído de reservas ditas morais, não de uma determinada cultura, mas no âmbito de uma razão mais abrangente, esse mesmo homem pondere e reconsidere ao fazer suas escolhas. Essas escolhas, no entanto, não podem ser consideradas erradas ou ruins culturalmente falando. Dado que, optar por esta ou aquela vertente cultural, não depende do espaço geopolítico que o indivíduo ocupa, mas do espaço de consciência, se assim me permitem, de cada um, desenvolvido e aprimorado no escopo muito particular da inteligência e dos sentimentos.

Henrique Dussel citado por Oliveira e Sousa Dias (2012, s/p.), em a *Ética da Libertação* (2000), envida esforços no esclarecimento oportuno sobre essa questão. Para Dussel, a liberdade do sujeito está vinculada à transformação e não à reforma, pois esta representa a queda da resistência, enquanto aquela representa o desenvolvimento propriamente da vida humana. Isso significa ir mais fundo, "mudar o rumo de uma intenção, o conteúdo de uma norma; modificar uma ação ou instituições possíveis e até um sistema de eticidade completo" (Dussel, 2000, p. 539), em se tratando dos princípios éticos.

Essa proposta de formação humana, tão necessária para aparar as arestas de uma sociedade discordante e agressiva, foi pensada por Léon Denis (1846 – 1927), um francês, escritor e conferencista, estudioso da corrente científico-filosófica do século XIX que se contrapõe ao materialismo e ao positivismo, alertando já naquela época, que a humanidade carece de novos horizontes. Que a educação formal não prescinde de esclarecimento espiritual, pois, segundo afirma, em *O problema do ser, do destino e da dor* (1975) “toda alma tem, pois, a sua vibração particular e diferente. O seu movimento próprio, o seu ritmo, é a representação exata do seu poder dinâmico, do seu valor intelectual, da sua elevação moral” (DENIS, 1975 [1908] p.113).

2.2. Pertencimento e identidade

Paula Monteiro, em *O Local da Cultura* (1999), propõe um debate que requer atenção e compreensão, de modo a intensificar vozes outras, de pensadores originários dos países chamados periféricos, que ao refletirem sobre o lugar onde a cultura acontece, radicalizam o discurso, em se tratando das formas culturais herdadas do sistema colonial. Essa é a principal reflexão de Homi K. Bhabha (1998), autor em quem Monteiro busca fundamentação para sua fala:

Goethe sugere que a possibilidade de uma literatura mundial surge da confusão cultural ocasionada por terríveis guerras e conflitos mútuos. As nações não poderiam retornar a vida estabelecida e independentes sem perceber que tinham aprendido muitas ideias e modos estrangeiros, que inconscientemente adotaram. E a sentir aqui e ali necessidades espirituais e intelectuais antes não reconhecidas (BHABHA, 1998, p.32)

A autora demonstra que no discurso da colônia reverbera a marca do colonizador. E isso é feito de forma tão sutil que os colonizados, de consciência dominada pelos meios de informação e pela educação tradicional, não se atentam para o apagamento de suas individualidades cidadãs.

Podendo ser a cultura um espaço de resistência aos discursos hegemônicos que são acentuados e continuamente prevalecentes, é importante situar o sujeito em um espaço “sócio-histórico”, não apenas momentâneo, mas principalmente na sua generalidade, levando em conta a sua formação humana, a agregação de fatores intrínsecos que o faz ser quem é: cidadão de um determinado lugar. Mesmo que mude, que viaje, situe-se em lugares, temporariamente, diferentes: externos ou internos. Esse vai e vem permite que a cultura seja mesclada, influenciadora e influenciada, enriquecida, apesar de desvalorizada enquanto culturas locais, segundo pensamentos colonizadores.

2.3. Brasil, um país colonizado e colonizante

Sendo o Brasil um país que recebe gente do mundo todo, é natural que nas salas de aulas brasileiras se encontrem os filhos dos imigrantes - ou eles próprios - convivendo com os nativos. E nessa troca há a questão linguística determinando os limites da colonialidade. Os estudantes estrangeiros sentem essa imposição, mesmo que ela aconteça veladamente.

Os intelectuais descoloniais sabem que o horizonte pedagógico estabelecido pela hierarquia epistêmica colonial na modernidade é caracterizado, entre outros, pela língua nacional e pelo lugar hierárquico que ocupam essas linguagens na estrutura epistêmica de poder (MIGLIEVICH-RIBEIRO; ROMERA, 2018, p. 02).

Do ponto de vista cultural, os estrangeiros tanto quanto os brasileiros, especialmente os latino-americanos têm os mesmos traços culturais, e isso deveria ser uma ponte entre eles, mas não é o que acontece na absoluta maioria das vezes. E aqui é preciso abrir um espaço para refletir sobre o desafio a que se submetem, sobretudo, os professores da área de Linguagens.

A Língua e a Literatura como fontes de informação e formação, aparentemente, culminam com a formação humana, preparando os professores para o novo e o desconhecido. É ato observável que esses profissionais são mais abertos para lidar com as diversidades. É de senso comum, que os professores da área de Linguagem diferem dos que atuam em áreas mais rígidas, o que poderia ser tese de pesquisa, porque se supõe que aqueles, mais afeitos às leituras, conectam-se mais facilmente com a Literatura, que é meio enriquecedor de inteligência, mas também de sensibilidade, por isso, teriam mais facilidade no manejo de problemas, inclusive entre estudantes, em sala de aula.

Portanto, observa-se que os indivíduos que saem de determinado espaço geográfico assumem novos modos de vida ao contato de uma comunidade diferente. Isso pode se dar por conta de que o olhar, sob novas perspectivas, promove variações distintas no imaginário original. Muito comum se observar isso nos imigrantes internacionais que se estabelecem em nosso país, bem como nos emigrantes (internacionais) brasileiros depois de longo período "lá fora". Esses apresentam padrões estabelecidos pelas sociedades às quais foram inseridos. Na maioria dos casos, apenas a língua, identificada pelo sotaque, é que os mantém como estrangeiros. A maioria dessas pessoas, aos poucos, troca não apenas de espaço geográfico, mas também de espaço geopolítico.

A proposta de Bhabha apud Monteiro a partir da reflexão sobre a escrita literária, consubstancia este trabalho, quando o autor discute pós-colonialidade a partir do campo exclusivo da teoria literária, e conceitua a obra como sendo um sistemático esforço para definir o projeto pós-colonial.

Apesar da imprecisão desse conceito, ele pretende definir um certo tipo de debate cultural no qual os pensadores originários dos países da periferia se propõem a uma crítica radical das formas culturais herdadas do sistema colonial (MONTEIRO, 1999, p.01).

Assim, o autor soma sua voz a outras tantas vozes, contribuindo de forma expressiva e crítica ao propor um debate contemporâneo sobre identidades. Essa identidade observada na literatura - com criticidade - é um alento, por ser a literatura (e outras artes) o meio eficaz de

se conhecer com exatidão a história de um povo. Ela possibilita o confronto por meio de leituras, pesquisas e observações nos aspectos: social, econômico, linguístico, psicológico e estrutural, o que forma a culturalidade. Com a Teoria Literária, o autor propõe uma reflexão mais profunda, ultrapassando o que denomina de os limites da textualidade, ao pressupor que exista uma filiação entre a escrita, as instituições da sociedade e o poder.

Mas essa destituição colonial passa pelo crivo racional. Os estudantes, portanto, que são alheios aos modos de vida diversos, ao respeito a eles e ao hábito da reflexão e à interpretação, até para ser incluído no grupo, aceitam sem reclamar o que o grupo oferece. Isso é observado em todo chão de escola. Os jovens, mesmo as crianças, precisam se engajar em novas práticas de conhecimento e comportamento, onde o outro tenha o mesmo valor e mereça o mesmo respeito que se deseja para si.

2.4. Conhecimento novo, antigo, de sempre

A educação libertadora - de preconceitos - e formadora de cidadãos moralmente desejáveis, passa indiscutivelmente pelo campo do espírito. E aqui não se deve pensar nas religiões que adotam a crença da dualidade do ser - até porque as religiões são o resultado do que os homens fazem delas - mas de pensar o sujeito como ser duo corpo-físico e corpo-espírito ou espiritual. E uma vez pensando o sujeito nessa perspectiva, pergunta-se: o que aprende, o que reflete, o que se emociona é o corpo-físico ou o corpo-espírito?

Para pensar uma educação verdadeiramente libertadora é preciso repensar essa educação em bases mais realistas, de conformidade com o novo século. Embora as ideias aqui ponderadas sempre estiveram presentes na história humana, é no século XIX, que um professor francês, ligado a várias academias de ciências, católico de berço, discípulo de Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), ousou observar, catalogar e difundir as ideias que levaram o homem a reconhecer a existência da "imaterialidade" em si mesmo. Dito de outro modo, encontrou-se o opositor do materialismo. Desde, então, a vida já não cabe mais apenas no aspecto-força física. Finalmente, consubstancia-se a força motriz do pensamento humano: o espírito. Assim, há dois séculos, Denizard Hippolyte Leon Rivail (1804-1869), sob o codinome Allan Kardec, noticia ao mundo uma Nova Era.

Tanto quanto Kardec, importantes filósofos, sociólogos, psicólogos e estudiosos de várias áreas do conhecimento deixaram "registros" a exemplo de Sócrates, Platão, Kant, atestando suas observações em defesa das ideias que consideravam relevantes, em distintos

momentos históricos. Entretanto, os contrários às ideias libertadoras do pensamento emancipatório, em conluio com as forças dos poderes econômico, político e religioso, ou simplesmente por preconceito ou ignorância, se colocavam nesses contextos como opositores de ideias mais avançadas.

A forma de os governos lidarem com "o novo" ou "o inclusivo" é manifestando-se contra, propagando ideias contrárias, que de tanto se repetir acaba como verdadeira (pós-verdade). Implementam, assim, a exclusão social, a exclusão escolar e acadêmica, assim como a exclusão da mulher e de outras minorias. Segundo Dussel (2000, p.52), isso se constitui num problema ético e político, pois uma população limitada em sua possibilidade de reação e reflexão, mantém-se vítima do sistema.

Deduz-se que essa tem sido a luta, em especial da Educação como meio de desenvolvimento coletivo da humanidade. Não é uma contestação pura e simplista das ideias de Kardec - cujas observações elevou ao nível de ciência os conhecimentos-acontecimentos, até então, tidos pelas academias como hipotéticas - é uma ideia imperialista-colonialista que inibe as pessoas de se autorregular, de se autodesenvolver e de se autolibertar. As ideias espiritistas são altamente descolonizantes, altamente dignificantes, por isso, desde o século XIX há nas Academias, assim como nas Igrejas, forte resistência contra tais posicionamentos; porque se tem ciência de que tais paradigmas estão sustentados pela ética e pela solidariedade, ambas tão fortemente inspiradas por Henrique Dussel em sua luta em defesa das vítimas da exclusão e pela transformação do ideário dos povos latinos.

Por *solidariedade* entendo uma pulsão de alteridade, um desejo *metafísico* (E. Levinas) pelo outro que se encontra na exterioridade do sistema onde reina a tolerância e a intolerância. É um *hacerse-cargo* (isso significa re-spondere: tomar a cargo (spondere) do outro reflexivamente [re]) ante o tribunal do sistema que acusa porque se assume a vítima da injustiça, e por isso, aparece denominado como injusto, o culpado, o réu e refém no sistema em nome do outro (DUSSEL, 2006b), p. 05).

Se isso ocorre por preconceito ou por ideologia ou por ambas não se sabe. O fato é que, em continuando essa tendência materialista (de educar), serão perpetuadas as formas "institucionais" de aprisionamento dos homens, em crenças e medos, ideologias e ações-formações materialistas-capitalistas.

2.5. Immanuel Kant o precursor das ideias transcendentais

Em a *Crítica da Razão Pura*, Immanuel Kant (1727-1804), no século XVIII, já se referia ao fenômeno como a Filosofia Transcendente.

Chamo transcendental todo conhecimento que em geral se ocupe, não dos objetos, mas da maneira que temos de conhecê-los, tanto quanto possível “a priori”. Um sistema de tais conceitos se denominada “Filosofia transcendental”. Mas esta filosofia é demasiada para começar, porque deve conter todo o conhecimento, tanto o analítico como o sintético “a priori”, e se estenderia muito além do que corresponde ao nosso plano (KANT, s/a, [1781] p. 23).

Kant usou bases matemáticas para (des)limitar seu estudo acerca da transcendência do homem. Na citada obra, escrita em 1781, se não chegou a definir o espírito como algo "concreto", reproduziu seu pensamento, corajoso para a época, àqueles que se opunham à observação e ao debate da nova "ciência", considerada por ele como natural. Segundo Kant a refutação, mesmo que à simples análise do fenômeno, por si só demonstra a falta de lógica quanto ao apreço dos homens pela observação dos objetos.

Não compreendo a dificuldade de admitir que o sentido interno é afetado por nós mesmos. Todo ato da atenção pode proporcionar-nos um exemplo. Nesta, o entendimento determina sempre ao sentido interior conforme o enlace que ele concebe para formar uma intuição interna, que corresponde à diversidade contida na síntese do entendimento. Cada um pode observar em si mesmo como o espírito é freqüentemente desta maneira (KANT, s/a, [1781] p. 220).

O autor, adepto do idealismo transcendental, usou a palavra apercepção na tentativa de explicar "o imaterial" interno no sujeito. E para justificar as habilidades ou a consciência no indivíduo, chamou o fenômeno de *Eu sou*, demonstrando que tinha essa ideia de que o homem é um sujeito-corpo enlaçado em um sujeito-espírito. Ideia que considerava de difícil assimilação, dado o materialismo reinante.

É evidente que os objetos da intuição sensível devem conformar-se com as condições formais da sensibilidade, existentes “a priori” em nosso espírito, pois que de outra maneira não seriam objetos para nós outros; mas é difícil conceber porque esses objetos devem além disso estar de acordo com as condições que o entendimento necessita para a compreensão sintética do pensar (KANT, s/a, [1781] p. 92).

Coube, portanto, a Rivail-Kardec, no século seguinte, o trabalho de codificar-organizar a ciência, que não teve início nele, mas que foi levado pelo seu caráter sério e cético, a formular uma base epistêmica para os educadores daquele e de todos os tempos. Assim, deduzido que havia inteligência por trás dos "objetos" sondados, não só formulou o aspecto científico do fenômeno como também o caracterizou como filosofia, capazes de responder aos homens questões - de toda ordem - da existência humana.

Ao organizar o primeiro dos muitos livros que formam a estrutura científico-filosófica espiritista, *O Livros dos Espíritos*, Kardec desconstrói a ideia católica de Deus. Fato gerador de graves problemas para o autor, tendo a Igreja como sua maior opositora. Escreve ele: *O*

que é Deus? Sua inteligência e sagacidade não lhe permitiam pensar Deus como uma personalidade (pessoa). E ao entender que “Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas” (KARDEC, 2012, p.69), o pesquisador se debruçou sobre o estudo do “princípio inteligente do Universo” (p.76), o espírito humano. E ao asseverar que “a inteligência é um atributo essencial do Espírito (p.77), abre-se uma janela imensa no campo do educar. Já não estamos mais tão colonizados assim, pois o homem passa a saber que tem o livre arbítrio.

Comparando as ideias de Kardec às de Kant, é possível entender onde aquele foi buscar inspiração, pois este, um século antes, descreveu a alma (espírito) como sendo o centro gerador do conhecimento, ao mesmo tempo que incorporava em sua análise de estudo a retórica pergunta: *O que é a verdade?* Provavelmente, abalando os alicerces do materialismo convencional. Pois com a pergunta “acreditava-se colocar em dificuldade os lógicos, obrigando-os a incidir na logomaquia mais lamentável, ou a confessarem a sua ignorância e, por conseguinte, toda a fatuidade de sua arte” (KANT, s/a [1781], 62). Interessava ao autor a busca de respostas ao que não era visível, mas sentido.

É a síntese em geral, como proximamente veremos, a simples obra da imaginação, quer dizer, uma função cega, ainda que indispensável, da alma, sem a qual não teríamos conhecimento de nada, função de que raras vezes temos consciência. Mas é uma função que pertence ao entendimento, e que é a única que nos procura o conhecimento propriamente dito (KANT, s/a, [1781] p. 78).

E apesar do autor não desvincular inteligência do espírito (alma), também não negou a sua existência-independência. Mais tarde, Kardec faz essa distinção, entre um e outro, considerando que a inteligência é atributo do espírito (alma), onde o desenvolvimento do conhecimento acontece. Conforme Kant, “É pois esta ciência que deve constituir a primeira parte da teoria transcendental dos elementos, por oposição àquela que contém os princípios do pensamento” (KANT, [1781], p. 28).

2.6. Descolonizar: ignora-se o corpo para (re)avivar o espírito

A formação acadêmica deve vir descolonialmente embasada em conceitos epistemológicos, refletindo sobre a condição humana na sua integralidade, levando em conta que todas as áreas da vivência do indivíduo, de um modo ou de outro, contribui positiva ou negativamente para a formação da sua personalidade, definindo quem esse indivíduo foi, é ou virá a ser.

Por isso, o ensino deve ser aparatado de novas-velhas "verdades", mesmo que sejam relativas, no campo das filosofias imaterialistas-espiritualistas, que deem respostas aos indivíduos acerca das suas fragilidades, do seu destino, das suas dúvidas, das diversidades, incluindo nessa tarefa de refletir-aprender-modificar-agir as ferramentas tecnológicas e artísticas como complementação desse trabalho-educacional, dando um tom lúdico e atraente ao aprendizado.

A proposta deve impactar positivamente os estudantes, criando assim, atmosfera propícia para a pesquisa, o debate, ao mesmo tempo, inculcar nesses sujeitos valores que lhes serão imprescindíveis ao longo da vida. Tal proposta não é nova. Herculano Pires (1985, s/p.), professor e filósofo, defensor da ideia da dualidade do sujeito, disseminou, por longos anos, a ideia da Educação Integral dos sujeitos. O autor tratou da educação "sob a ótica cósmica-espiritual", recomendando que o educando é um ser integral e absolutamente capaz de se auto desenvolver uma vez recebendo informações que o leve a pensar criticamente sobre si mesmo, seu papel no mundo, reconhecendo-se como parte da Natureza e do Universo.

Assim sendo, cabe aos que pensam a Educação sob prisma outro que não o da colonialidade imposta, incomodar-se e aos outros, na tentativa de despertar consciências e valores, como o faz em relação à academia, Edgar César Nolasco (2018, p. 04), em *DESCOLONIZANDO A PESQUISA ACADÊMICA*: uma teorização sem disciplinas, propõe a insurgência epistemológica para se educar de acordo com o conceito descolonial intitucionalizado. O autor mobiliza o pensamento atual, numa abordagem clara do pensar educador para uma nova era:

Se a boutade moderna “penso, logo existo” ancorou a ordem do discurso científico moderno, com a insurgência de epistemologias outras estamos todos aprendendo hoje que sentimos, vivemos, estamos sendo e pensamos numa desordem epistemológica que contribui para a quebra de hierarquias e de ideias totalizantes, homogeneizantes, puristas e abstratas. (Abrindo um parêntese, é como se dissesse que as pesquisas, ou melhor, os resultados das pesquisas públicas realizadas, não podem mais servir apenas para decorar bibliotecas e estantes empoeiradas, mas devem contribuir com as diferenças e preconceitos que ainda grassam dentro da academia, nas ruas das cidades e na sociedade em geral) (NOLASCO, 2018, p. 06).

O sonho de todo educador, compromissado com mudanças, é o de que os espaços institucionais de ensino-aprendizagem sejam palcos de debates profundos sobre as filosofias em que se fundamentam todas as religiões, entendendo-as como meio de transformação moral com base científico-crítica-filosófica sobre modos de vida e de relações sociais harmônicas,

solidárias e éticas. Um meio de garantir que os vendilhões dos templos, políticos e pseudo-sábios sejam desmascarados no inconsciente coletivo.

2.7. Mudanças exigem ousadia

O ideal é que as religiões, assim como as filosofias e as ciências em geral, tenham os mesmos rigores de julgamento e consideração nos meios escolares-acadêmicos. Sem isso, as mentiras e manipulações, terreno fértil da colonialidade e aliciamento de consciências, não encontrarão oposição. E o imaginário coletivo continuará sendo sustentado pelas ideologias tantas, inclusive dos educadores, fruto da ignorância epistemológica destes acerca daquelas.

O mal não está nas religiões, mas nos homens que as usam em favor de benefício próprio. As filosofias e as ciências padecem do mesmo mal. Prova disso é que os meios científicos, acadêmicos, assim como os religiosos tendem a não abrir mão dos conhecimentos que têm ou que defendem, relegando outros conhecimentos ao campo da invalidade, sem se darem ao trabalho de pesquisar, analisar e comparar, despreconceituadamente, ideias implementadas que se mantêm ao longo de toda a história humana.

Catherine Walsh (2008) caracteriza esta formação e articulação epistemológicas como uma das faces mais evidentes da “colonialidade do saber”, quando o eurocentrismo se impõe como a única compreensão legítima do mundo, descartando a existência e a viabilidade de outros saberes e racionalidades epistêmicas, assim como outros conhecimentos que não sejam da mesma matriz androcêntrica, branca e setentrional (MIGLIEVICH-RIBEIRO; ROMERA, 2018, p. 01).

As "verdades" que sofrem modificações com bases nas descobertas científicas, são naturalmente superadas, mas as que não encontram contradições plausíveis, mantêm-se intactas, esperando que os homens amadureçam, porque são discussões que cabem apenas nas consciências desenvolvidas, regradas pela moral pacífica, inclusivas, ética e empática. As ciências e as filosofias herdadas dos impérios colonialistas, assim como as religiões, ainda são provedoras e mantenedoras de poder temporal. É uma tríade que merece ser descolonizada para o bem da coletividade humana.

A ideia da liberdade-descolonialidade do espírito é apresentada de diversas maneiras através da arte, da música, de novelas, filmes. Tal crença está embutida no imaginário das pessoas. No Brasil, uma das músicas mais conhecidas é “Tocando em frente”, composição de Almir Sater e Renato Teixeira (1990). A *canção emite* a mensagem de que para ser feliz o homem tem que ter "as rédeas" da própria vida, pois é ele quem decide por si;

o homem é o construtor do próprio destino e ninguém o pode conduzir. “Cada um de nós compõe a sua história/Cada ser em si/Carrega o dom de ser capaz/E ser feliz”.

2.8. Descolonizar a educação: para vencer a subserviência

Só ignora a própria essência, quem não quer sair da zona de conforto. No entanto, é compreensível a resistência das pessoas em aceitar a necessidade de educar o próprio espírito, pois entender essa vertente filosófico-científica pressupõe compreender que a "verdade única", sobre tudo o que paira sobre a vida, é que o indivíduo, e apenas ele, enquanto ser individual, é o responsável por si mesmo e por seu "destino". Um destino que só pode ser construído por ele mesmo, independente de tutores, de governos, da justiça, das religiões, dos sistemas (im)postos.

Ao se cientificar disso, paralelo ao conhecimento da própria essência, "obrigatoriamente", o indivíduo percebe que a sua vida se baseia em causas e consequências, a que estão sujeitas as suas ações. Esse conhecimento amplia a consciência para outras "verdades". E estas são mais difíceis de aceitar, pois requer um movimento de dentro para fora que, em geral, exige muita força de vontade e implica em o homem vencer a si mesmo, entendendo que ele não é o centro do universo, é um grão de areia entre todas as praias existentes no planeta, porém, necessário para a composição do todo.

Entretanto, diante da passividade em que as massas se permitem viver, como dizer ao homem materialista-capitalista colonizado culturalmente pelas ideias e crenças europeias, que do ponto de vista do corpo-espírito, ele é como o seu empregado; que tem o mesmo valor do pipoqueiro da esquina; que na essência ele não difere do criminoso a quem deseja o castigo. Essa é uma questão secular que vem assombrando os homens. Mas é um fato que deve ser amplamente difundido, sobretudo, nos meios de formação de educadores.

Portanto, pensar a Educação nessa perspectiva, remete a conhecidas experiências do fazer-educar, ocorridas em outros tempos, mas que permanecem registradas no íntimo das pessoas. É de se pensar, por isso mesmo, como poderia Jesus ter convencido a multidão de homens orgulhosos da própria "fé", de que falava de um "reino" que não se circunscrevia ao plano da matéria? Como Sócrates poderia ter convencido a humanidade do seu tempo, de que não estava louco, apesar de preferir a cicuta, a negar a crença na sobrevivência da alma?

Da mesma forma, como pode o homem atual racista, misógino, homofóbico, orgulhoso e egoísta aceitar que, espiritualmente, a cor, a raça, o gênero, à estética, o meio

social a que pertence não o tornam diferente dos outros homens. Essa vertente de pensamento explica, por exemplo, as *Bem Aventuranças*, preditas por Jesus, como roteiro para os indivíduos que vivem em busca da felicidade, sem compreender que a felicidade ou a infelicidade, assim como "o céu" ou o "inferno" é uma questão de foro íntimo, individual e intransferível.

O homem pode suavizar ou aumentar o amargor de suas provas, conforme o modo por que encare a vida terrena. Tanto mais sofre ele, quanto mais longa se lhe afigura a duração do sofrimento. Ora, aquele que a encara pelo prisma da vida espiritual apanha, num golpe de vista, a vida corpórea. Ele a vê como um ponto no infinito, compreende-lhe a curteza e reconhece que esse penoso momento terá presto passado. A certeza de um próximo futuro mais ditoso o sustenta e anima e, longe de se queixar, agradece ao Céu as dores que o fazem avançar (KARDEC. E.S.E. CAP. V, Item 13, s/a).

Sabe-se, no entanto, que não basta adquirir conhecimento, é preciso fazer com que o conhecimento se internalize; e uma vez internalizado, é preciso que gere mudança íntima, para depois se exteriorizar em ações éticas e benéficas. Eis a grande dificuldade de aceitação, que provoca a lentidão na caminhada humana em direção ao progresso absoluto. Eis a grande responsabilidade da Educação acadêmica: a de imprimir no "espírito acadêmico" a luz do conhecimento gerador de habilidades e competências capazes de construir pontes entre os homens, promovendo bem estar e serenidade, autoconfiança e sabedoria, resiliência e autonomia.

Atualmente, há nas redes sociais e nas mídias em geral, "um mar" de informações sobre a individualidade do espírito. São milhares de obras escritas, gravadas à disposição dos leitores-ouvintes-telespectadores. No entanto, as instituições públicas, com raras exceções, ainda não fazem o movimento decisivo para desmistificar essa área do conhecimento. E sem isso não há como se pensar a descolonização sociocultural, pois a colonialidade está impregnada no corpo-espírito dos homens, onde as experiências e o conhecimento moldam o autovalor no qual o indivíduo se reconhece como pessoa: no espírito (alma), não no corpo físico.

Cabe, portanto, rigorosamente, às academias transformarem conceitos, implementar pesquisas e (re)estruturar seus currículos, ponderando e promovendo o debate honesto sobre a essência humana.

A luz do espiritismo, o homem, é, em sua essência mais profunda, um espírito encarnado, onde reside o senso moral, onde se radica a inteligência e de onde partem os sentimentos, as qualidades, os vícios, as tendências, numa palavra, é de onde promanam todas as manifestações psíquicas, manifestações estas - é bem verdade -

que para se exteriorizarem durante a vida terrena, necessitam também do concurso dos órgãos materiais (FREITAS, 2003, p.117).

3. Considerações Finais

Este trabalho, portanto, apresenta a feliz expectativa de remeter aos leitores questões que "incomodam". Entretanto, sendo questões de ordem primárias, adjacentes aos indivíduos, por isso mesmo, no limiar do século XXI, são carecedoras de estudos sérios. Do ponto de vista filosófico as escolas e academias devem promover debates; do ponto de vista da ciência devem abrir espaço para a pesquisa, dando vazão aos pensamentos críticos ao produzir meios para uma Educação realmente libertadora. E, diante disso, há que se pensar que a descolonização é uma revolução individual e intrínseca. O que não exclui a necessidade de um agir coletivo, que culmine no conhecimento. Para isso há que se levar em conta os padrões científicos e filosóficos de vertentes imaterialistas-espiritualistas.

Nada mais natural, portanto, conhecer a ciência e filosofia espíritas para educar corpos-espíritos, como se conhece a ciência materialista para se cuidar do corpo-físico. Assim, cabe às academias e aos educadores efetivarem uma Educação para o novo tempo. Não se pode mais, diante de tantas necessidades em que o mundo se encontra, educar crianças e jovens, bem como formar professores, sem que a eles seja dado o direito do conhecimento e da natureza do espírito, único espaço efetivamente passível de descolonização, capaz de se impregnar de noções gerais de desenvolvimento. É neste ponto que minha dissertação de Mestrado ocupa espaço de debate e reflexão sobre o homem, sua natureza e sua (in)finitude.

Referências

ABREU, A. *Gregório de Matos*. Disponível em: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/biografias/gregorio-de-matos/amp> Acesso em: 20 junho de 2020.

BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998. (Obra completa)

BESSA-OLIVEIRA, M. A. *Paisagens Biográficas Pós-coloniais: Retratos da Cultura Local Sul-Mato-Grossense*. Campo Grande: Life Editora, 2018 (Obra completa).

BESSA-OLIVEIRA, M. A. PEDAGOGIAS DAS DIVERSALIDADES – apontamentos iniciais. (NAV(r)E-UEMS), *Núcleo de Artes Visuais em (re)Verificações Epistemológicas/Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul*. s/a. (Artigo)

BRASIL. *Leis de Diretrizes e Bases da Educação (LDB)*. Lei nº 9.394. 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/31943>. Acesso: em 29 de maio de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Ensino Fundamental. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf. Acesso em 27 de junho de 2020.

DENIS, L.O *problema do ser, do destino e da dor*. Ed. FEB. Rio de Janeiro, 2000 [1908] (Obra completa)

DUSSEL, Henrique D. *A filosofia da libertação na América Latina*. São Paulo: Ed. UNIMEP, 1977. (Obra completa).

FREITAS, A. M. *Da Curiosidade à Renovação Social*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: CELD, 2003 (Dissertação)

GOMES, J. C. T. *Gregório de Matos, o Boca de Brasa: um Estudo de plágio e criação*. Petrópolis: Editora Vozes, 1985. (Artigo)

HISSA, C. E. V. (Org.) - *Conversações de artes e de Ciências*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

KANT, E. *Crítica da Razão Pura*. Tradução: J. Rodrigues de Meringe. ED. ACRÓPOLIS. EBOOK. s/a [1781], 220 p. (Obra completa).

KARDEC, A. *O livro dos espíritos / prefaciado por Hermínio Miranda [tradução Sandra Kepler]*. 6. ed. São Paulo: Mundo Maior Editora, 2012 [1857] (Capítulo V).

MIGLIEVICH-RIBEIRO, A; ROMERA, E. *Orientações para uma descolonização do conhecimento: um diálogo entre Darcy Ribeiro e Enrique Dussel*. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222018000100108. Acesso em: 19 agosto de 2020.

MONTEIRO, P. *Trabalhos do crítico Homi Bhabha tratam da identidade contemporânea. O projeto pós-colonial*. Folha de São Paulo, caderno: Resenhas, 4 de agosto de 1999 (Dissertação)

MONTEIRO, R. B. *As Reformas Religiosas na Europa Moderna notas para um debate historiográfico*. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752007000100008 Acesso em: 19 de junho de 2020.

NOLASCO, E. C. *DESCOLONIZANDO A PESQUISA ACADÊMICA: uma teorização sem disciplinas. CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS*. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/7725>. Acesso em: 15 de agosto de 2020.

OLIVERA, I. A.; SOUSA, D. A. Ética da Libertação de Henrique Dussel: caminho de superação do racionalismo moderno e da exclusão social. *Conjectura*, Caxias do Sul, v.17, n.3, p.90-106, set/dez. 2012.

OLIVEIRA, L. *O “Jeitinho Brasileiro” de Cada Dia: Falta de Ética ou Traço Cultural?* Disponível em: <https://soulbrasil.com/o-jeitinho-brasileiro-de-cada-dia-falta-de-etica-ou-traco-cultural/> Acesso em 19 de maio de 2020 (Artigo)

RIBEIRO, C. O. A Contribuição das noções de entre-lugar e de fronteira. *REVER* · Ano 15 · Nº 02 · Jul/Dez 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/rever/article/view/26193/18855>. Acesso em: 23 de ago. de 2020. (Dissertação).

SATER, A.; TEIXEIRA, R. Tocando em frente. *Letras*. 1990.